

FH faz escala em Barcelona para atrair novos investimentos

O GLOBO

No Rio, porta-voz assegura: não há convênio nuclear com a Índia que extrapole cooperação científica para fins pacíficos

Helena Celestino e Tereza Cruvinel

Enviadas especiais

● **BARCELONA e NOVA DÉLHI**. A caminho da Índia, o presidente Fernando Henrique Cardoso desembarcou ontem às 22h30m em Barcelona, iniciando a sua décima-sexta viagem internacional. O presidente foi recebido pelo embaixador do Brasil, Luís Felipe Seixas Correa, e pela chefe do protocolo do Governo espanhol, Cristina Barrios.

Do aeroporto, seguiu direto para o Palácio Alberniz, residência oficial da Coroa, posto à sua disposição até a partida para a Índia, hoje à noite. Hoje será recebido no Palácio da Generalidad para um almoço com o governador da Catalunha, Javier Pujol, e empresários atraídos pelo crescimento da economia brasileira. À tarde receberá o prefeito de Barcelona, Pascal Maragato.

No Rio, o porta-voz da Presidência, embaixador Sérgio Amaral, negou ontem que o Governo brasileiro esteja assinando um acordo nuclear com o Governo da Índia, como foi publicado pelo Jornal do Brasil. Se existir algum acordo, disse ele, será um convênio para a

cooperação científica e tecnológica entre a Comissão Nuclear de Energia Nuclear (Cnen) e sua congênera naquele país. O porta-voz insistiu que qualquer convênio será puramente científico, visando estritamente ao uso pacífico da energia nuclear e nada tendo a ver com o desenvolvimento da bomba atômica.

— O que ser fará será dentro das regras de salvaguarda às quais o Brasil se filiou e inteiramente dentro dos entendimentos que o país tem com a Agência Internacional de Energia Atômica — completou o embaixador.

Os indianos, que já explodiram uma bomba em 1974, têm domínio avançado sobre usos alternativos da energia nuclear, como a radiação de alimentos e a aplicação em tecnologias medicinais. Nenhum acordo que extrapole essas finalidades está em cogitação, assegurou o embaixador do Brasil na Índia, Luiz Felipe de Macedo Soares. Candidatos a vagas no Conselho Permanente de Segurança da ONU, Brasil e Índia não dariam um passo que pudesse levantar desconfianças da comunidade internacional. ■

Colaborou Cátia Seabra, do Rio

23 JAN 1996